

# CONTRIBUIÇÃO PARA O CONCEITO DE ENSINO A DISTÂNCIA: VANTAGENS E DESVANTAGENS DA SUA PRÁTICA

Paulo Rurato - *Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, UFP*

Mestre Assistente | E-mail: prurato@ufp.pt

Luis Borges Gouveia - *Faculdade de Ciência e Tecnologia, UFP*

Professor Auxiliar | E-mail: lmbg@ufp.pt

85

## ABSTRACT

Distance learning is one of the most important factors to promote quality and knowledge transfer to our education systems and existing learning facilities. In order to succeed in using distance learning we need to identify the concept, and its advantages and outcomes.

This paper has the goal of introducing the distance learning concept, and to discuss advantages and outcomes concerning the use of distance education facilities. In order to approach a stable and acceptable concept definition, the outcomes and limitations are discussed. Such discussion takes no use of arguments as defending technology or listing technologies promises. The paper follows the discussion on how people can take advantage of distance learning as an alternative path to fulfil their needs.

## RESUMO

O ensino a distância (EaD) é actualmente um dos factores de produção que promete a melhoria e maior alcance, quer dos sistemas de ensino, quer da capacidade e facilidades disponíveis para aprendizagem. Desta forma, importa realizar um esforço para identificar o que é e quais as vantagens e inconvenientes que este tipo de ensino nos oferece.

O artigo aqui apresentado tem por objectivo, contribuir para a introdução do tema e elencar as vantagens e desvantagens associadas à utilização do EaD. Face a esta reflexão de quais as vantagens e os inconvenientes associados ao EaD, é possível desenvolver uma proposta mais consolidada do contexto do que é o Ensino a Distância. Esta discussão é tomada sem reequacionar debates recorrentes de utilização de tecnologias de ensino, como os já existentes quando Sócrates insistia (contra o ensino baseado na escrita) que a contiguidade espaço-temporal do facilitador e do aprendente é essencial ao ensino eficaz.

## 1. INTRODUÇÃO

A aprendizagem flexível pressupõe alunos a aprenderem quando querem (frequência, *timing* e tempo), como querem (modos de aprendizagem), o que querem, e onde querem (em casa, na instituição ou empresa, etc.).

No século XXI a aprendizagem flexível é uma meta a atingir por todos os estudantes, quer no *campus*, quer fora deles.

O “Ensino a Distância” é definido como qualquer forma de estudo que não esteja imediata e continuamente dependente da supervisão de orientadores, mas que, no entanto, beneficie do planeamento, orientação e instrução de um estabelecimento de ensino.

O ensino a distância tem uma componente de aprendizagem independente ou autónoma e é, por esse motivo, fortemente dependente da concepção didáctica dos materiais, a qual deverá substituir a interactividade existente entre o estudante e o professor do ensino presencial convencional. A componente autónoma é apoiada por sistemas de orientação e aconselhamento, que podem ser fornecidos em centros de estudos locais e/ou regionais, e, cada vez mais, por modernos meios de comunicação.

A solidez da componente distância, no ensino a distância, depende da concepção didáctica do material, do grau de tutoria e orientação suplementar necessária, da forma como é organizada a tutoria, e da amplitude de utilização dos meios de comunicação.

O controle do factor tempo, é uma das vantagens mais importantes do ensino a distância. Os estudantes que optam por estudar numa universidade aberta, em detrimento de um estabelecimento tradicional de ensino diurno ou nocturno, fazem-no geralmente porque dispõem de pouco tempo, e também, porque o tempo disponível para os estudos é frequentemente imprevisível.

Perante a necessidade de uma definição operacional de Ensino a Distância, importa efectuar a discussão de vantagens e inconvenientes associadas à sua prática. Mais do que pretender a definição do conceito, este trabalho tem por objectivo contribuir para uma reflexão informada das diferentes definições e contextos em que o termo EaD é utilizado.

## **2. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES INICIAIS SOBRE EAD**

Para Preti (1996), o ensino a distância deve ser compreendido como uma forma de se fazer educação, de se democratizar o conhecimento, ou seja, o conhecimento deve estar disponível para quem se dispuser a conhecê-lo, independente do lugar, do tempo e das rígidas estruturas formais de ensino. Sem dúvida que é uma alternativa pedagógica válida, que hoje em dia, os educadores e as instituições escolares têm ao seu dispor.

A fragilidade das bases teóricas do ensino a distância, é vista por Desmond Keegan (1991), como consequência do esforço prático em implantar projectos numa lógica de empresa. Com isto, está em discussão tudo o que ao EaD está relacionado, desde a produção do material, a sua distribuição e qual o meio mais adequado, o significado da avaliação dos aprendentes, que informações acerca dos aprendentes é mais pertinente conhecer, qual o significado das suas experiências, anteriores e posteriores do EaD, perdendo-se a oportunidade de debates aprofundados sobre as bases teóricas que sustentam a ensino a distância.

Segundo Moore e Kearsley (1996), a definição mais citada de educação a distância é a de Desmond Keegan em 1980 que, baseando-se na definição do próprio Moore de 1972, diz que o ensino a distância é um tipo de método de instrução, em que as condutas docentes acontecem à parte das discentes,

de tal maneira que a comunicação entre o professor e o aluno, se realiza mediante textos impressos, por meios electrónicos, mecânicos ou por outras técnicas.

A definição de Moore e Kearsley em 1996, difere daquela de 1972, mencionando a importância de meios de comunicação electrónicos e a estrutura organizacional e administrativa específica (Moore e Kearsley, 1996): “Educação a Distância é aprendizagem planeada que normalmente ocorre num lugar diferente em relação ao professor, e como consequência, requer a utilização de técnicas especiais, de planeamento dos cursos, de métodos instructionais e de métodos de comunicação, recorrendo à electrónica ou outra tecnologia, assim como a métodos organizacionais e administrativos específicos”.

Preti (1996) comenta a definição de Garcia Aretio (1994), destacando os seguintes elementos:

- *a distância física professor-aluno*: a presença física do professor ou do tutor, isto é, da pessoa com quem o estudante vai dialogar não é necessária e indispensável, para que se dê a aprendizagem. Ela apenas se dá através de outro processo, “virtualmente”;
- *de estudo individualizado e independente*: reconhece-se a capacidade do estudante de construir o seu caminho, o seu conhecimento, de se tornar autodidacta, actor e autor das suas práticas e reflexões;
- *um processo de ensino-aprendizagem mediatizado*: o ensino a distância deve oferecer suportes e estruturar um sistema, que viabilize e incentive a autonomia dos estudantes nos processos de aprendizagem;
- *o uso de tecnologias*: os recursos técnicos de comunicação, que hoje têm alcançado um avanço significativo (correio, rádio, Televisão, audio-cassete, videoconferência, vídeo, Internet, etc.), permitem romper com as barreiras das distâncias, das dificuldades de acesso à educação e dos problemas de aprendizagem por parte dos alunos que estudam individualmente, mas não isolados e sozinhos. Oferecem possibilidades de se estimular e motivar o estudante, de armazenamento e divulgação de dados, de acesso às informações mais distantes e com uma rapidez assinalável;
- *a comunicação bidireccional*: o estudante não é mero receptor de informações, de mensagens; apesar da distância, estabelecem-se relações de diálogo, criativas, críticas e participativas.

Segundo Landim (1997), educação a distância pressupõe a combinação de tecnologias convencionais e modernas, que possibilitam o estudo individual ou em grupo, nos locais de trabalho ou fora, por meio de métodos de orientação e tutoria à distância, contando com actividades presenciais específicas, como reuniões do grupo para estudo e avaliação.

## 88 2. O QUE JUSTIFICA O EAD

Esta pergunta pode parecer despropositada, mas há boas razões para a fazer, e mais do que isso, tentar perceber.

De um lado, há aqueles que pressupõem que o EaD não difere substancialmente do ensino presencial, e por isso, argumentam que, se o ensino presencial é bom, e existe a possibilidade de ensinar a distância, então devemos aproveitar essa oportunidade.

Por outro lado, porém, há aqueles que vêm vantagens no EaD em relação ao ensino presencial, tais como: um maior alcance, razão custo/benefício mais favorável, e, principalmente, maior flexibilidade (quer para os facilitadores, quer para os aprendentes), visto que estes acreditam na possibilidade de personalização do EaD, a um nível tal, que chega à individualização.

Contrapondo-se a essas duas posições favoráveis ao EaD, há os que acham que neste sistema se perde a dimensão pessoal que, não sendo necessária ao ensino em si, é essencial ao ensino eficaz.

Afastando de momento, a segunda posição, podemos afirmar que há uma contradição óbvia entre a primeira e a terceira posições, na justa medida em que os defensores da primeira pressupõem que não haja diferenças substantivas entre EaD e ensino presencial, enquanto os defensores da terceira acreditam que a virtualidade (ou carácter remoto) do EaD, remove da relação de ensino algo importante, ou mesmo essencial, que é o seu carácter de pessoalidade, que seria, em sua opinião, o que lhe dá eficácia.

Sócrates insistia (contra o ensino baseado na escrita) que a contiguidade espaço-temporal do ensinante e do aprendente é essencial ao ensino eficaz. Por isso acreditava que o ensino baseado na escrita (que, é uma das formas possíveis do EaD) impedia que houvesse diálogo, real comunicação pessoal entre os envolvidos, como todos sabemos, isso não é mais verdade hoje em dia.

O carácter “pessoal” de um relacionamento, hoje, é independente da proximidade no espaço e no tempo, sendo possível manter relacionamentos pessoais, mesmo íntimos, à distância, usando os meios de comunicação disponíveis, que envolvem o texto, o som e a imagem (estática e em movimento). Por outro lado, a mera contiguidade espaço-temporal não garante que um relacionamento seja pessoal. As turmas com imensos alunos que existem em algumas escolas levam a um relacionamento extremamente impessoal, apesar da proximidade no espaço e no tempo. Muitas vezes, nesses contextos, o facilitador desconhece totalmente as suas características individuais, que são extremamente relevantes para um ensino eficaz.

A comunicação presencial, em que se pode facilmente detectar as *nuances* da expressão sonora não verbal (o tom, o timbre e o volume da voz, o ritmo da fala, as pausas, as ênfases subtis) e da linguagem corporal (especialmente

as expressões faciais, nas quais o olhar talvez seja a característica mais significativa), mas também a postura, a posição das mãos, dos braços e das pernas, a possibilidade de contacto físico, etc.), é mais eficaz para o ensino do que a comunicação remota, ainda que utilizem todos os recursos que as tecnologias actuais colocam à nossa disposição.

Vamos agora, tecer algumas considerações acerca da posição daqueles que afirmam, que há vantagens no EaD em relação ao ensino presencial. Efectivamente, como atrás referimos, entre os que defendem a tese de que o EaD é preferível ao ensino presencial, apontam para esse efeito razões, que vão desde o seu maior alcance, uma razão custo/benefício mais favorável, maior flexibilidade, a possibilidade de personalização do ensino, num nível tal, que pode chegar até a individualização.

Não resta a menor dúvida de que o EaD, tem maior alcance do que o ensino presencial, sejam cursos ministrados via Internet, televisão, rádio, correspondência ou outros. Efectivamente, alcançam muito mais pessoas, com os mesmos, ou até, menores investimentos e recursos.

Quanto à razão custo/benefício, a questão é um pouco mais difícil de avaliar, pois o custo de desenvolvimento de programas do EaD de qualidade (que envolvam, por exemplo, televisão, vídeo, ou a utilização de software especializado) é extremamente alto.

Além disso, a distribuição e “divulgação”, também têm um custo razoável. Então, se forem distribuídos através de redes de televisão comerciais, o custo de transmissão pode ser ainda mais alto do que o custo de desenvolvimento, com a desvantagem de ser um custo recorrente. Por isso, estes programas só oferecem uma razão custo/benefício favorável se o seu alcance (em termos de número de indivíduos abrangidos, ou que venham a usufruir) for realmente significativo. Um programa de EaD bem realizado, pode ser oferecido e ministrado várias vezes sem que isso afecte o seu custo de desenvolvimento.

Muitas das instituições interessadas em EaD hoje em dia, procuram meios de reduzir o custo de desenvolvimento, mas, infelizmente, isso dificilmente acontece sem que haja uma redução na qualidade, pois em vez de se usar meios de comunicação sofisticados, como televisão e vídeo, as instituições utilizam, predominantemente, texto impresso no desenvolvimento do curso e distribuem-no através da Internet (com um custo relativamente pequeno, tanto no desenvolvimento como na “divulgação”). Desta forma, o EaD, acaba por ser uma espécie de “ensino por correspondência”, mais refinado, recorrendo à tecnologia, em que os textos são distribuídos pela Internet e não pelo correio convencional.

No que diz respeito à maior flexibilidade, e uma vez que o EaD usa tecnologias de comunicação, tanto síncronas como assíncronas, não resta dúvida de que, no caso das últimas, quer os facilitadores, quer os aprendentes, têm

maior facilidade para determinar o tempo e o horário que vão dedicar, uns ao ensino, os outros à aprendizagem. E isto, porque, existem diversos recursos, tais como: páginas Web, bancos de dados, correio electrónico, etc., que estão disponíveis 24 horas por dia, sete dias por semana, e, por isso, podem ser utilizados segundo a conveniência do utilizador.

A possibilidade de personalização é um factor de importância vital, pois é, precisamente, neste ponto que os defensores do EaD colocam maior ênfase. Eis o que diz Octavi Roca (1995): “Na maioria dos profissionais da educação já existe a consciência de que cada pessoa é diferente das outras, que cada uma tem as suas necessidades próprias, seus objectivos pessoais, um estilo cognitivo determinado, que cada pessoa usa as estratégias de aprendizagem que lhe são mais positivas, possui um ritmo de aprendizagem específico, etc. Além disso, quando se trata de estudantes adolescentes ou adultos, é preciso acrescentar novos elementos, como as diferentes disponibilidades horárias, as responsabilidades adquiridas ou o aumento da capacidade de determinação pessoal de necessidades e objectivos. Assim parece óbvio que é preciso adaptar o ensino a todos estes factores

#### 4. OBSERVAÇÕES FINAIS

Gutierrez e Prieto estabelecem um conjunto de vantagens no recurso à modalidade de Educação a Distância, e que resumidamente seriam (Gutierrez e Prieto, 1994):

- possibilidade de ser “divulgado” massivamente, sem limitações espaciais;
- menor custo por estudante;
- população escolar diversificada;
- individualização da aprendizagem;
- quantidade sem diminuição da qualidade;
- autodisciplina de estudo.

Das vantagens acima enumeradas, podemos inferir que o ensino a distância democratiza o acesso à educação, permitindo a alunos dispersos geograficamente e residentes em locais onde não existem instituições convencionais de ensino, tenham acesso a essa mesma educação. Exigindo menor quantidade de recursos financeiros, propicia uma aprendizagem autónoma e relacionada com a experiência dos alunos, que não precisam assim, de se afastar do seu local de trabalho. Promove um ensino inovador e de qualidade, com garantia do acompanhamento, por parte dos tutores, para esclarecer dúvidas, incentivar e avaliar os alunos. Incentiva a educação permanente, permitindo a actualização e o aperfeiçoamento profissional daqueles que querem aprender mais, ou seja, permite que o aluno seja realmente activo, responsável pela sua própria aprendizagem e, principalmente, aprenda a aprender.

Os mesmos autores, enunciam, contudo, uma série de possíveis desvantagens na adoção desta modalidade educacional, que são:

- ensino industrializado;
- ensino consumista;
- ensino institucionalizado;
- ensino autoritário;
- ensino massificante.

Além de romper o paradigma da tutela do professor, o que pode gerar insegurança no aprendiz, o EaD exige equipes especializadas na preparação, realização e distribuição de material, e também o uso de uma nova linguagem na relação professor/aluno, agora mediada pelo material distribuído. Embora tais efeitos possam ser minimizados, nomeadamente, através do planeamento detalhado, preciso, baseado na realidade do aprendiz.

É que, apesar das novas promessas que o EaD nos propõe, são ainda os sempre actuais e concretos aprendentes a razão da existência do ensino, da aprendizagem e do treino.

No entanto, a definição do Ensino a Distância enquanto actividade ou mesmo área de investigação e desenvolvimento, merece e precisa de um esforço suplementar de forma a garantir que seja uma definição simples e clara, aceite pelos diversos actores e áreas de interesse no tema. Espera-se que esta abordagem aqui tomada contribua para este esforço.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Aretio, G. (1994). *Educación a distancia hoy*. Madrid, Uned. Educación a distancia.
- Gutierrez, F, e Prieto, D. (1994). *A mediação pedagógica na educação a distância alternativa*. Campinas, Papirus.
- Keegan, D. (1991). *Foundations of distance education*. 2ª Ed. Londres, Routledge.
- Landim, C. (1997). *Educação a distância: algumas considerações*. Rio de Janeiro. s/n..
- Moore, M. e Kearsley, G. (1996). *Distance education: a systems view*. Belmont (USA), Wadsworth Publishing Company.
- Preti, O. (1996). Educação a distância: uma prática educativa mediadora e mediatizada. In: Preti, O. *Educação a distância: início e indícios de um percurso*. Cuiabá, NEAD/IE-UFTM.
- Roca, O. (1995). L'Autoformation en Espagne: de la création de centres d'autoapprentissage à l'organisation de systemes de formation personnalisée. Paris, *Éducation Permanente*.